Reflexões acerca das contribuições de Adorno para a Educação Física Escolar sob os conceitos pós-críticos

Rubens Antonio Gurgel Vieira

Neira & Nunes (2009) afirmam que previamente a qualquer discussão metodológica, a Educação deve se encarregar de objetivos mais amplos, que contemplem a situação sócio-cultural na perspectiva macro, trazendo para o seu cotidiano ações locais e particulares alinhados com uma perspectiva de sociedade melhor. Neste texto, Adorno (1986) nos traz uma preocupação ainda mais importante, se isto for possível, que é evitar uma “nova Auschwitz”. Para o autor, a simples menção a números e descrição de detalhes se trata de uma monstruosidade comparável ao acontecimento histórico. Assim, antes de qualquer preocupação filosófica, pedagógica, metodológica, a Educação deve evitar a “barbárie”, nas palavras do autor, evitando níveis de violência e desumanização inigualáveis aos acontecidos.

O texto apresenta suportes teóricos da psicologia, sociologia e psicologia social em que um aprofundamento não se faz necessário. É possível que alguns dos apoios teóricos estejam superados, pois muito se avançou na psicanálise após as publicações de Freud, que inspiraram certo temor fatalista da “barbárie” como elemento presente no princípio civilizatório na reflexão de Adorno. No entanto, não nos interessa aqui um aprofundamento em tais aspectos, pois se considera a mensagem principal do texto como forte e resistente o suficiente ao tempo para trazer algo de novo para nossas reflexões. Assim, o objetivo será agregar esta mensagem de Adorno para o campo da Educação Física Escolar, traçando paralelos e confrontando pontos contraditórios.

Para Adorno, para evitarmos uma nova Auschwitz, é pouco provável obter sucesso através da apelação a valores superiores morais, enfatizar qualidades das minorias (no sentido de protagonismo social, e não necessariamente quantitativamente), sendo necessário um olhar atento para os perseguidores, para os seres humanos com ressaltadas características totalitárias, buscando reconhecer mecanismos que permitem tais ações.

Para tanto, a educação deve ser voltada para uma auto-reflexão crítica, na esperança de que confronte a ausência de consciência que permite que um ser humano realize atos desumanizadores contra outro ser humano. Esta recomendação possui paralelo com a teorização de Educação Física Escolar proposta por Neira & Nunes, que busca uma ação pedagógica que proporcione representações que irão atuar, teoricamente, tanto nas identidades dominadas quanto nas dominantes. Assim, apesar do objetivo não ser exatamente atuar na consciência, a formação de uma identidade que conviva com identidades diferentes da sua pode proporcionar uma atuação da Educação atenta para as condições históricas que propiciaram Auschwitz. Percebe-se que a recomendação de Adorno pode se imbuir de novas concepções teóricas, mantendo seu forte apelo a uma sociedade igualitária.

Adorno diz que é preciso evitar “que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias”. Isto é precisamente uma das características principais criticadas fartamente na literatura sobre os efeitos da globalização. A diminuição da solidariedade devido à compressão do espaço-tempo, o anestesiamiento do sentimento de pertencimento a uma comunidade local e particular, a apresentação em tempo real de tragédias através do globo assistidas como algo usual e inevitável, o canibalismo corporativo e econômico, a competição como mola propulsora do desenvolvimento são exemplos de conseqüências globalizantes e neoliberais.

Portanto, a temática de Adorno é mais atual do que nunca. Para o autor, a ação pedagógica no indivíduo é uma das possibilidades de emancipação da consciência (termo crítico não partilhado pelas teorias pós-críticas, mas que, no entanto mantêm sua função original no texto quando adaptados). E tal ação deve se focalizar na primeira infância, no acesso das consciências ou, ainda, para utilizarmos as concepções pós-críticas, na formação das identidades.

Adorno aponta uma característica social que se ampliou grandemente no mundo atual, especialmente na última década, o isolamento social paradoxalmente a integração tecnológica ou, em suas palavras, a claustrofobia das pessoas do mundo administrado. Haveria aí tendências de desagregação potencializadoras de novas situações de totalitarismo. Adorno acredita que estas tendências convergiriam contra os considerados socialmente fracos e, de alguma forma, felizes. Atualmente acredito que basta ser minoria para receber violências físicas,

simbólicas, sociais e culturais, econômicas e políticas, sem a necessidade de aparentar felicidade – apesar desta possivelmente servir como combustível para o ódio totalitário.

Compartilhamos do alerta de Adorno que não há comparações entre o totalitarismo que infringiu Auschwitz a tamanho horror, com aspectos sociais de outras características - como as conseqüências globalizadoras e neoliberais – sob pena de minimizarmos os fatos. No entanto, é possível traçar alguns aspectos que, se não semelhantes em intensidade, podem levar a cabo novos horrores pelo mundo. Pois não são poucos os que morrem devido aos efeitos nefastos de uma organização social que concentra muito na mão de poucos, ou poucos os que são privados de qualquer dignidade humana por possuírem menos ou mais melanina, sexo, opção sexual ou religião diferente do opressor. É neste ponto que a reflexão de Adorno com o texto “Educação Após Auschwitz” possui seu maior valor, no alerta contra a insensibilidade, com o descaso, com a perda do sentimento humano de pertencer a uma unidade.

Adorno não ousa esboçar uma Educação nestes termos, mas muito já se passou após seu texto. Temos hoje condições de realizar tal esboço, de uma Educação sensível ao constante latejar do horror, que se estabeleça como queria o autor, um clima de intelectualidade atento para os potenciais totalitários. Neste sentido, a Educação Física apresenta uma concepção “jovem” e em evolução constante que se mostra alinhada a esta necessidade educacional. Apesar da hegemonia de concepções atreladas às necessidades do mercado, que reforçam ideais de individualidade e superioridade, ganha força uma abordagem cultural consciente da necessidade de mudanças no quadro atual.

Ao realizar uma análise histórica, Adorno afirma que a sociedade européia do início do século XX não apresentava condições para atuar na liberdade com que foram agraciadas com a ruína das autoridades imperais, de modo que foram presas fáceis de estruturas autoritárias, como podemos perceber na ascensão de inúmeros regimes totalitários, tendo como seu expoente o nazismo. Descrente na adoção de vínculos de compromisso social – como instituições e leis descontextualizadas – e normas não assumidas pela razão, novamente defende a educação como acesso a reflexões com capacidade de evitar a repetição do processo. Assim, apesar do tom sombrio, o autor aponta caminhos.

Outro alerta encontra eco nos estudos da Educação Física Escolar: Adorno acredita que uma das possibilidades de ascensão do horror se apresenta quando muitos buscam evitar o desconforto inevitável, procurando ignorar os fatos. Assim, quando alguém se ocupa da temática, muitas vezes somente mencionando, é atacado como se fosse o próprio responsável. Da mesma maneira, é questionável como se sustentam quaisquer argumentos lógicos que defendem uma Educação Física Escolar distante das necessidades sociais imediatas de igualdade no acesso a oportunidades de desenvolvimento. Não é difícil de realizar um exercício de abstração que figure tais defensores como desconfortáveis com a centralização da discussão de uma situação social tão desigual. A unida saída aparente é creditar aos critérios epistemológicos a não participação do currículo de Educação Física nas discussões mais amplas, uma “saída estratégica” que evita o confronto óbvio e inevitável.

Para não aceitar sem reflexão todas as idéias de Adorno, apresentamos um pequeno trecho que destoa da mensagem original, ao nosso ver, quando o mesmo cita a defasagem cultural entre campo e cidade. Obviamente que deve ser considerado as ferramentas teóricas e o contexto da construção do texto, no entanto não se pode deixar de “rasurar” termos como selvageria e barbárie. Tais termos possuem uma raiz antropológica etnocêntrica, que classificava todas as culturas em níveis de desenvolvimento civilizatório. Atualmente, compreendem-se as culturas como imensuráveis e com características próprias. Tais termos devem ser compreendidos em sua intenção original no texto, ou serem substituídos por outros que demonstre a aversão a atos desumanizadores sem denotar etnocentrismo ou qualquer tipo de superioridade.

Como forma de desenhar o caráter autoritário, Adorno ainda realiza uma análise ligeira do esporte como fenômeno complexo e ambíguo. Análises contemporâneas indicam que os esportes caracterizam uma categoria muito vasta para ser enquadrada em uma única classificação, no entanto, como citado por Adorno, o fenômeno esportivo em sua concepção mais ampla pode veicular representações ambíguas. Desta forma, o esporte na escola é tema recorrente, submetido a análises distintas e com diferentes referenciais. Para uma Educação Física que prime pelo direito de igualdade entre os seres humanos, fundamental é avaliar quais representações estão sendo apresentadas nos diversos contextos,

atentando para a naturalização de conhecimentos que, na linguagem de Adorno, podem reforçar o caráter autoritário.

Tal caráter, com uma identificação cega com o coletivo, afeitos a controlar as massas, possui campo fértil em ações consideradas muitas vezes banais e sem importância, como hábitos populares e ritos de iniciação. Atualmente, a psicologia escolar apresenta o *bullying* como um problema social real. Novamente colocamos o conceito de caráter sob rasura, pois remete a uma concepção de ser humano essencializado e estático. Nas concepções pós-críticas, a identidade se apóia nas representações e discursos que acessa, com uma relação psicanalítica no processo de identificação. No entanto, ela é fluída e mutável, de modo que o termo caráter não abrange apropriadamente todas as suas características. Novamente, para compreendermos o alerta de Adorno, adotaremos o termo identidade autoritária, uma identidade afeita a todas as ações descritas pelo autor como totalitárias.

Também pode ser precursora de tais estruturas de dominação uma educação baseada na severidade, uma fachada para o masoquismo e perigosamente próxima do sadismo. Se nos basearmos na possibilidade de que quem é severo consigo mesmo se acredita no direito de ser severo com os outros, podemos compreender o cenário educacional presente em muitos lugares. Não se pode acreditar que tais práticas educacionais severas ficaram no passado, sem uma pesquisa ampla sobre a educação em muitos países mundo afora ou, para não ir tão longe, escolinhas esportivas que iniciam a preparação de atletas na categoria “mamadeira”, a partir de idade muito tenra.

A conversão em coletivos desumaniza, seres humanos são transformados em massa amorfa, presas fáceis do chamado caráter manipulador, a identidade autoritária. Podemos visualizar facilmente tal situação na atuação das torcidas organizadas, organizações do crime, gangues e outros. Para tanto, a identidade autoritária inicialmente se transforma em coisa – consciência coisificada, para Adorno – para então poder se relacionar com outras pessoas como igualmente coisas. Ao não serem mais seres humanos, e sim coisas, todas as ações são possíveis e justificáveis sob os mais nefastos encadeamentos lógicos.

Partindo do delineamento de tal identidade, Adorno sugere estudos intensificados na compreensão de como o sujeito passa por tal processo, buscando algum resto de consciência moral por de trás de todo o processo de dissolução. Neste ponto, poderiam ser de muita valia estudos pós-estruturalistas e pós-

modernos que não acreditam na essencialização humana. A identidade, e não a consciência seria fruto das representações e discursos aos quais foram submetidos os sujeitos. Obviamente não há relação simplória e direta entre contexto e identidade, caso contrário não se sustentariam as diferenças.

No entanto, este processo individual de formação das identidades é abordado por estudos psicanalíticos de identificação. O que importa aqui é a não-essência, ou consciência a ser emancipada, resgatada das “trevas”, livre do caráter manipulador. Tal caráter seria, portanto, resultado das experiências individuais em conjunto com as representações sociais e culturais mais amplas aos quais foram acessadas pelo sujeito, bem como aos discursos e práticas. Assim, tal estudo se mostraria mais bem fundamentado atualmente para a compreensão de uma identidade autoritária, sempre guardando relação com o local e o contexto. A compreensão de tal identidade, como apontada por Adorno, facilitaria medidas para evitar sua atuação desastrosa para a sociedade.

Em outra denúncia enfática, Adorno aponta a fetichização das técnicas, a separação dos meios com os fins, como algo patológico e irracional. Seu exemplo da construção dos trens de Auschwitz encontra paralelo em muitos outros exemplos atuais. Se for difícil compreender como alguém pode construir trens para levar as vítimas de Auschwitz com maior velocidade, é igualmente complexo compreender como alguém pode usar artigos esportivos feitos na China sob trabalho escravo. No entanto, isto está presente no nosso cotidiano.

Porém o próprio autor afirma que tal suposição é deveras abstrata para esclarecer qualquer identidade autoritária, sugerindo análises teóricas complementares. Adentra neste ponto a capacidade de amar do ser humano transformada em amor a coisas. E apresenta seu argumento mais “pesado”, obscuro, pois amar coisas ao invés de pessoas, segundo o autor, é uma perturbadora tendência de desenvolvimento da civilização. Em tempos neoliberais de disputa predatória no mercado, vemos isso de forma ainda mais clara.

Portanto, se buscamos uma Educação que evite uma nova Auschwitz, enfrentamos o que o autor denominou “espírito do mundo”. Se a frieza e a desconsideração com o sofrimento alheio, com exceção de alguns poucos vínculos estreitos e interesses concretos, é traço da constituição da humanidade, estamos diante da necessidade de alterar a própria ordem social que reproduz a frieza. E devemos fazer isto mediante pessoas formadas nesta frieza, incapazes elas próprias

de amar verdadeiramente. Esta argumentação lógica, por si só, demanda muitas reflexões que abalariam estruturas de todas as tendências pedagógicas.

Assim nos parece que, contra todas as tendências, precisamos de uma educação que supere as condições favoráveis à formação de identidades individualistas, solitárias, “frias” e, principalmente, autoritárias. Para tanto, antes precisamos de uma compreensão aprofundada de todas as complexas representações e discursos que dão suporte às identidades receptivas as idéias autoritárias. Relacionar as diversas conjunturas (social, cultural, global, local) com este quadro descrito por Adorno que, longe de superado conserva o seu poder de denúncia, pode apontar caminhos a serem trilhados na necessidade primordial que se evitem novos campos de concentração.

O autor finaliza afirmando que, dificilmente se pode evitar o surgimento de novas identidades manipuladoras e autoritárias, que sempre buscarão a manipulação de massas, incentivarão o ódio e a incompreensão. No entanto, uma educação atenta a estas questões pode atuar no sentido de evitar um campo fértil para que outras identidades ajam contra seus próprios interesses, se tornando “assassinas de si mesmas”.

Porque, no fim, quem executa as políticas de segregação e ódio é o sujeito que compõe a massa. As diretrizes totalitárias precisam do apoio das identidades favorecidas como maioria para surtir efeito. No fim, que atira e tortura é o “homem comum”. Quem fecha a janela para a criança pedinte é o homem trabalhador. Quem paga um salário mínimo em um tênis é o “cidadão de bem”, minimamente favorecido, que se identifica com as políticas atuais. Deve se ter em mente que a crítica não é para com o conforto de alguns, mas para o desconforto da maioria.

Podemos encontrar no âmbito da Educação Física muitos exemplos onde as pessoas agem contra o próprio interesse, talvez não de forma tão destrutiva e desumanizadora como nos exemplos de Adornos, no entanto, como ressaltado anteriormente, com resultados igualmente maléficos para a sociedade como um todo.

Talvez o exemplo mais contundente seja a grande massa de graduandos de Educação Física atuando em escolas públicas sem uma clara definição de sua metodologia, sem considerar como sua ação pedagógica está relacionada com a sociedade de uma forma mais ampla. Invariavelmente, a opção recai sobre um misto de tendências esportivas e voltadas para o desempenho, biológicas com seus

objetivos de saúde, ou desenvolvimentista/psicomotora e seus pressupostos acríticos. Como resultado, temos uma enormidade de “assassinatos” que, por não serem literais nem físicos, proporcionam a morte de muitas possibilidades de mudanças.

A Educação Física Escolar, como componente curricular das escolas brasileiras que é parte importante desta missão delineada por Adorno, pode contribuir através de uma ação pedagógica que amplie o universo de representações dos alunos, que acessarão de forma igualitária toda a produção cultural, com possibilidades de ressignificação e criação de novos significados, permitindo oportunidades de uma vida plena.

Tal ação deve ocorrer dando espaço para as vozes dos grupos minoritários historicamente subjugados, confrontando valores pregados por um mercado alinhado com o interesse de poucos, buscando situações de ensino que desestruture tanto as identidades dominadas quanto as dominantes. O objetivo é atuar na formação de identidades mais afeitas a pluralidade cultural, que valorizem o ser humano acima da materialidade, reforçando laços de convivência pacífica e igualitária.

3. Bibliografia

ADORNO, T. *Adorno: textos escolhidos*. São Paulo: Ática, 1986.

NEIRA, M. G. *Ensino de Educação Física*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal*. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.